

## 4

### Considerações finais

Ter como objeto de estudo uma obra literária complexa e plural como *O Delfim*, leva-nos ao encontro de uma infinidade de questionamentos que não se esgotam em um único trabalho. Este estudo, em particular, teve como foco principal a análise dos mecanismos utilizados por Cardoso Pires, que propiciaram a construção de uma estrutura multifacetada, onde diferentes níveis de leitura são possíveis. Percebemos que *O Delfim* é capaz de dialogar com o contexto político de seu país e, neste sentido, traça um contundente contra-discurso que se opõe, de forma implícita, ao discurso hegemônico do Estado à época.

Buscamos, neste trabalho, demonstrar como este romance, a partir de uma intriga policial, consegue discutir e questionar a maleabilidade do conceito de verdade e, através de seus personagens, traçar o contorno da estrutura social de Portugal.

Nesta direção, procuramos, em um primeiro momento, entender que aspectos estão diretamente relacionados ao processo de construção de verdades e que conseqüências o domínio desta produção acarreta. Para tal, utilizamos, primordialmente, a teoria de Michel Foucault e Gianni Vattimo, para concluir o quão voláteis e particulares são estas verdades e como estão intimamente ligadas a uma relação retórica de confecção, disseminação e apreensão.

Tentamos demonstrar como o Estado português, durante décadas, empenhou-se em impor um discurso único, que se queria legítimo e hegemônico através de uma política cerceadora que suprimia opiniões contrárias ao regime. Neste contexto, percebemos como José Cardoso Pires, ao desenvolver *O Delfim*, constrói um romance capaz de dar a ver os processos de apropriação de enunciados e, conseqüentemente, conduz o leitor a questionar as verdades que lhes são apresentadas.

*O Delfim* desenvolve-se em torno da incerteza. O autor busca, a todo o momento no romance, incutir a dúvida na mente do leitor e, partindo de uma estrutura menor, a Gafeira, metaforicamente remete à conjuntura política de Portugal.

José Cardoso Pires cria um enredo que se estrutura com base nos relatos das personagens e envolve o leitor na busca pela solução do crime que transformou a realidade local. Nesta aparente trama policial, o autor constrói um paralelo entre a cidade fictícia da Gafeira e Portugal, incorporando, subterraneamente ao texto, uma vontade de transformação que se reflete no processo libertário de socialização da lagoa.

As diversas versões sobre o crime são os elementos que fazem d’*O Delfim* um complexo jogo em torno da verdade e, através delas, o autor molda a estrutura local, externando as inúmeras vozes que fazem parte deste processo.

A leitura deste romance mostra-se um intenso exercício de decifração, pois “tudo” está no texto, porém nada está claro. O romance é trabalhado de forma a deixar apenas uma pequena parte à mostra, não sendo a clareza um ponto a ser atingido pelo autor: “por mim, no que toca ao modo de narrar, prefiro correr o risco de jamais atingir o ponto impreciso da clareza a pecar por excesso, ultrapassando-a”<sup>1</sup>. Cardoso Pires nos ensina a trabalhar com o subentendido e, para alcançarmos um nível mais complexo de interpretação, necessitamos estar sempre atentos às pistas deixadas no caminhar da leitura.

Em sua escrita, Cardoso Pires, através da negação de uma verdade única, age diretamente no contexto social português, levando-nos a entender a verdade como um processo e não como algo absoluto.

José Cardoso Pires, em tempos sombrios, mostra-se um intelectual comprometido em levar a público uma obra capaz de confrontar-se com o discurso vigente. Em um período marcado pela Censura, o autor desenvolve um romance preocupado em levar à luz uma realidade cara aos portugueses: a Ditadura.

Neste contexto, percebemos que José Cardoso Pires tinha a consciência do papel que representava e buscou estar lado a lado com seu público, entendendo que o intelectual não mais é aquele que se coloca à margem dos acontecimentos para, de longe, trazer a estática verdade de todos. É, antes de tudo, o elemento que se encontra entre o povo e, juntamente com a massa, luta para, efetivamente, desestruturar o poder que o cerceia. O intelectual, nesta conjuntura, possui a função de, através de sua densa percepção dos acontecimentos, empenhar-se em

---

<sup>1</sup> PIRES, José Cardoso. “Visita à oficina; I-Memória Descritiva”. In: *E agora, José?*. Lisboa: Dom Quixote, 1999, p-118.

localizar as fragilidades do poder instituído para, desta forma, fornecer ao público os instrumentos de análises que permitirão uma tomada de posição por parte dele. Como afirma Foucault, o intelectual tem o papel de “fazer um sumário topográfico e geológico da batalha”<sup>2</sup>

Cardoso Pires faz com que seus leitores passem a não mais aceitar passivamente as verdades que lhes são impostas, tornando-se, portanto, questionadores em potencial. Para além do romance, os leitores são levados a refletir sobre suas próprias vidas e sobre os enunciados tidos como únicos e verdadeiros que por diversos processos somos conduzidos a assimilá-los como naturais.

Assim, vemos como, através d’*O Delfim*, José Cardoso Pires pensa Portugal e cristaliza um período marcante da história do país: “Melhor e pior, serve como ilustração do nosso tempo alienado”<sup>3</sup>. Através do implícito, do subentendido, o autor constrói uma obra seminal, que consegue vislumbrar uma infinidade de ângulos exploratórios, fazendo de sua leitura uma intensa experimentação das possibilidades do texto.

---

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. “Poder-corpo”. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002, p-151.

<sup>3</sup> PIRES, José Cardoso. “Visita à oficina; I-Memória Descritiva”. In: *E agora, José?*. Lisboa: Dom Quixote, 1999, p-117.